

A AMÉRICA DOS GENOVESES – FICÇÕES MIGRANTES

THE AMERICA OF THE GENOESE – MIGRANT FICTIONS

Alberto Sismondini*

RESUMO: Entre os relatos literários sobre a emigração para a América, o romance *Ginn-a de Sampedænn-a* (1883), escrito em genovês, ocupa um lugar singular. Este romance oferece uma perspectiva única sobre o fenômeno migratório, pois é concebido e redigido na língua falada pelos próprios emigrantes. Este estudo pretende analisar a representação de uma região da América do Sul, que corresponde à Argentina e ao Brasil, bem como a descrição de seus habitantes pelo olhar da protagonista dessa ficção.

Palavras-chave: Imigração italiana. Genovês. Argentina. Brasil.

ABSTRACT: Among the literary narratives of emigration to America, *Ginn-a de Sampedænn-a* (1883), written in Genoese, holds a distinctive position. This novel provides a rare perspective on the migration phenomenon by employing the very language spoken by the emigrants themselves. This study examines the portrayal of a South American region corresponding to present-day Argentina and Brazil, as well as the depiction of its inhabitants through the eyes of the novel's protagonist.

Keywords: Italian immigration. Genoese language. Argentina. Brazil.

* Doutor em Letteratura Comparata e Traduzione del Testo Letterario pela Università degli Studi di Sien. Professor da Universidade de Coimbra. E-mail: sarvagi@fl.uc.pt
Contexto (ISSN 2358-9566) Vitória, v. 2, n. 46, 2024
<https://doi.org/10.47456/contexto.v2i46.47508>

Testemunho da diáspora italiana

Entre os testemunhos literários sobre a emigração italiana para a América, destaca-se, de forma particular, o romance *Ginn-a de Sampedænn-a*, escrito em genovês. Esta obra distingue-se pela tentativa de retratar e interpretar o fenômeno migratório, sendo concebida e redigida na língua que representava o principal patrimônio linguístico dos emigrantes da região de Gênova, designada Ligúria. Desta forma, este documento assume um valor e significado especiais, merecendo uma reflexão aprofundada com base numa contextualização histórica e cultural da época em que foi produzido.

Esta contribuição resulta da investigação de Fiorenzo Toso (1962-2022), linguista e professor catedrático da Universidade de Sassari, autor de numerosos textos fundamentais sobre línguas minoritárias e profundo conhecedor da língua genovesa. Frequentador assíduo de arquivos, Toso trouxe à luz diversos textos literários em genovês, incluindo o que é objeto da nossa apresentação.

97

Uma língua, o genovês, espelho de uma cultura dinâmica

Em finais do sec. XIX, o genovês era uma língua que, além de predominante na oralidade, possuía frequentemente uma representação escrita, por ser publicada em revistas e livros. Era, portanto, comum a publicação de textos, poemas, artigos e até romances em genovês. O debate cultural da época, visível nas diversas publicações, abrangia desde uma burguesia satisfeita com os ganhos trazidos pela unificação de Itália (1861) e inclinada para uma maior integração linguística com o resto do país, até aos panfletos católicos-clericais de visão reacionária, que muitas vezes se posicionavam como uma oposição de direita ao regime monárquico-burguês, especialmente após a excomunhão de Vítor Emanuel II de Saboia, rei de Itália, na sequência da tomada de Roma, em 1870.

Paralelamente, existia uma literatura “progressista”, de inspiração protestante e republicana, que, alinhada com as posições socialistas e

Contexto (ISSN 2358-9566)
<https://doi.org/10.47456/contexto.v2i46.47508>

comunistas, assumia um compromisso “progressista-revolucionário” na sua crítica à autoridade estabelecida.

Nesse contexto, em 1868, surge *O Balilla*, uma revista quinzenal que acompanharia as notícias e os costumes da Ligúria até 1904. Embora tenha sido a primeira entre os periódicos genoveses da época, destacam-se também *O Stafî* (1874-1883) e *O Zeneize* (1880-1883), publicações com tendências e conteúdos políticos semelhantes, mas frequentemente em controvérsia e competição entre si. *O Balilla* apoiou desde o início as posições da esquerda republicana, sob a direção do seu primeiro editor, Giuseppe Poggi. Contudo, além de ser uma publicação fortemente polêmica, a revista também incorporava outras características do jornalismo popular da época: a tendência para a bisbilhotice, o gosto pelo escândalo, a agressividade da sátira e os ataques a figuras públicas e instituições. Esses elementos configuravam-na como um 'assalto' periódico, que utilizava o facciosismo não tanto como instrumento de luta política, mas como forma de provocação e apelo ao público (Cf. Toso, 1992, p. 9-10). Os extensos apêndices dedicados à literatura também contribuíram para o carácter 'popular' das publicações genovesas. Os poemas e pequenos versos publicados em *O Balilla* e noutros periódicos eram, na sua maioria, cômico-satíricos e refletiam as tendências políticas da prosa jornalística. Igualmente importante, porém, foi a produção literária em prosa, representada por um vasto corpus de romances, contos e artigos sobre costumes, nos quais a atenção dos estudiosos nunca foi suficientemente centrada. E, no entanto, esta narrativa, mesmo com toda a sua ingenuidade, com a sua frequente rudeza, apresenta motivos de interesse como uma tentativa de proposta autônoma em relação à evolução do realismo em Itália num sentido naturalista.

Uma ficção exemplar

Ginn-a de Sampedænn-a foi publicado pela primeira vez como apêndice do periódico *O Balilla*, em 1883, ao longo de 104 episódios. O romance, que apareceu de forma anônima, foi anunciado como um “relato histórico de J. B.

A. de C.”; estas iniciais não correspondem a colaboradores regulares do jornal nem a outros autores genoveses conhecidos, sendo provável que constituam uma sigla fictícia, um recurso comum na publicidade e na ficção genovesa da época.

Toso atribui a obra a Giuseppe Poggi, primeiro diretor de *O Balilla* entre 1868 e 1884, partindo da suposição de que o jornal foi, em grande parte, redigido pelo próprio Poggi; é plausível, portanto, que o apêndice também seja de sua autoria. Esta hipótese é reforçada por algumas semelhanças lexicais e estilísticas entre esta prosa e outros escritos de Poggi.

O romance foi republicado como apêndice em 1891 e novamente entre 1901 e 1902, tendo sido posteriormente compilado num volume pelo próprio autor.

Essas e outras breves indicações podem ser encontradas numa obra como *Ginn-a de Sampedænn-a* [Luisinha de Sampierdarena,], que, apesar de suas peculiaridades, pode ser considerada “exemplar” da ficção genovesa do final do século XIX. Embora o principal mérito do texto resida na estrutura de uma dupla narrativa de formação, centrada nas aventuras paralelas de Ginn-a e Loensin [Luisinha e Lourencinho] — jovens que, após experiências sentimentais conturbadas, acabam, após muitas vicissitudes, por se casar —, uma das suas particularidades é o cenário em que se desenrola a história: os protagonistas movem-se no seio da realidade popular de Gênova.

A ação, no entanto, começa *in medias res*, contada por um narrador heterodiegético e ocorre entre Buenos Aires (Bonnesàire) e o Rio de Janeiro, enquanto o contexto socio-histórico da narrativa é fornecido pela emigração liguriana para a América do Sul numa época (meados dos anos 70 do séc. XIX) particularmente significativa para o desenvolvimento desse fenômeno.

A emigração de Ginn-a e Loensin parece não estar relacionada com as razões circunstanciais que motivaram a maioria dos emigrantes: Loensin parte para a América do Sul em busca da sua jovem amada, Virgínia, que lhe foi arrancada por uma sucessão de eventos e pela ação determinada de duas mulheres: as

mães dos jovens, que não veem esta relação com bons olhos. Ginn-a separa-se à força do seu noivo genovês para se juntar à família na Argentina, onde é obrigada a aceitar um casamento arranjado com um primo. No entanto, alguns temas comuns à experiência migratória surgem nas suas histórias: as dificuldades ambientais causadas pela epidemia de febre amarela, a exploração da mão-de-obra estrangeira nas fábricas para a produção de carne salgada e seca, ou até o desprezo demonstrado por argentinos ou brasileiros em várias ocasiões contra os 'Gringos' ou 'Carcamanos'. “Carcamana, aqui no Brasil — disse Loensin — dizem-no aos italianos quando os querem ofender ou por desprezo” (Poggi, 1992, p.124).¹

A ambientação pelo olhar imagológico

No romance, a paisagem étnica local tem relevância diversificada, salientando a essencial ‘normalidade’ do movimento entre a Ligúria e a América Latina, que não surge como um evento traumático em si para aqueles, profundamente empenhados em reconstruir o seu modo de vida singular do outro lado do Atlântico.

Na parte inicial da obra, a escrita de Poggi adota um estilo realista, impregnado de uma vivacidade impressionista, que oferece aos leitores uma descrição detalhada dos cenários, vestuário, costumes e tradições dos locais visitados pelas personagens do romance. Para os leitores de literatura de viagens, cada detalhe contribui para compor um mosaico imaginário de países e cidades estrangeiras, sendo esses pormenores tanto mais apreciados quanto mais exóticos se revelam. Mesmo ao optar por uma linguagem genovesa mais elaborada, que se afasta da retórica simples da oralidade popular, o autor mantém uma escolha estilística coerente com a ideia de usar a forma verbal adequada para retratar o ambiente envolvente, frequentemente recorrendo à sinestesia, em benefício dos seus leitores.

¹ Nossa tradução de: “Carcamana, chî a-o Braxî”, à dîto o Loensin “Ô dîxan à noiättri italien quande veuan öfêndine ò despexâne”.

Considerando os aspetos imagológicos da obra, destaca-se, na Argentina, a descrição física de um gaúcho, protetor de Loensin na sua primeira saída após o trabalho no matadouro, bem como o relato da incursão indígena que culmina no extermínio da família de Ginn-a e na perda da sua propriedade fundiária, nas imediações de Olavarría. A crua descrição do trabalho de Loensin no saladero, incluindo o impressionante episódio de um touro bravo que recusa a morte e provoca o caos no estabelecimento, intensifica o realismo do enredo. No Brasil, representado apenas pelo Rio de Janeiro, a narrativa adota um tom de drama urbano, onde surgem apenas alguns topónimos [aparecem citados o Largo do Paço (atual Praça 15 de Novembro), o Largo do Rossio (atual Praça Tiradentes), a Rua Uruguaiana e uma possível referência ao Passeio Público], com o elemento étnico e a cor local a esbaterem-se para dar maior destaque ao romance atormentado entre os dois protagonistas. A imagem da capital do Brasil, ainda no período do Segundo Reinado, surge de forma sombria para Loensin, que viaja para o Brasil para resgatar a namorada genovesa, Virginia, das más intenções de um suposto 'tio', antigo amante de Comba, mãe da jovem, que assume o papel de uma espécie de 'Mutter Courage' avant la lettre. Para Ginn-a, a situação é igualmente difícil: contratada como dama de companhia por uma senhora que se revela uma alcoviteira, com o intuito de a conduzir à prostituição, ela acaba, posteriormente, ao serviço de um casal de portugueses que se revela igualmente explorador. Estas figuras evocam as personagens zolanianas de *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, recordando-nos que, naquela época (cerca de 1876), a escravatura ainda era uma realidade no país.

O meu contentamento não durou muito tempo. Não direi que passei fome, mas havia certamente mais para fazer do que para comer e beber. Há vários dias que estava naquela casa e estava sempre a trabalhar de manhã à noite, como um animal; nunca tinha uma hora de liberdade ou de descanso; e por mais que trabalhasse, nunca estavam contentes. Nem sequer à noite podia estar em paz, porque, como eram quatro filhos, o mais novo dormia no berço ao lado da minha cama e, quando acordava, tinha que o embalar. Pobre de mim, se não o tivesse ouvido chorar! Chamavam-me todo o tipo de insultos,

e muitas vezes com o de carcamana, cujo significado eu não entendia.² (Poggi, 1992, p.123-124)

Quando saí daquela casa, fui à Rua Uruguaiana para uma costureira que eu conhecia porque ela estava servindo a mulher portuguesa da qual eu tinha saído. Disse-lhe a razão pela qual a tinha deixado e ela disse: “Naquela casa mudam de criados a cada quinze dias. Todos os criados saem por causa do excesso de trabalho. Você durou mais do que eu pensava. E agora estás à procura de trabalho?” “Que mais poderia eu fazer? Mas eu gostaria de encontrar uma patroa com alguma humanidade.”

“Consegues cortar roupa?” “Claro que sim. A costura é a profissão que aprendi em Gênova.” “Vem amanhã. Vou ver o que podes fazer e dizer-te o quanto te posso pagar, porque eu não tenho nenhum quarto para si”³ oferecer por mês. Mas é melhor procurar um (Poggi, 1992, p. 123-124).

O autor explora os relatos das vicissitudes vividas nas viagens de muitos emigrantes, enriquecendo-os com elementos do romance em série para construir uma narrativa estilizada que imita uma memória ativa, concebida como consciência e imbuída de valor testemunhal. Esta abordagem está ligada a um fenómeno social relevante, como foi a emigração. Na época, Gênova era um dos principais portos de partida da diáspora italiana rumo à América.

102

Para Toso, os emigrantes genoveses não assimilavam completamente a nova realidade que os envolvia, pois não procuravam integrar-se com a comunidade local de forma mimética. Os genoveses continuavam a falar a sua própria língua e a preservar os seus hábitos alimentares. Ao mesmo tempo, o protagonista masculino, Loensin, demonstra uma simples indiferença em relação à sua nova pátria, mudando-se casualmente entre o Brasil e a

² Nossa tradução para: A mæ contentessa a l'é duâ ben pöco. No ve diò che patisse a famme, ma gh'èa ciù da travaggiâ che da mangiâ e da beive. Èan zà diversci giorni che stava in quella casa, e me toccava sempre travaggiâ da-a mattin a-a seia comme unna bestia; no aveiva mai unn'öa de libertæ ò de repöso; e pe quante fesse, no èan mai contenti. Manco a-a neutte poeiva quetâ, perchè, èsendoghe quattro figgeu o ciù piccin o dormiva inta chinna de scianco a-o mæ letto, e quande o s'addesciava, me toccava ninnâlo; meschinna mi se no l'avesse sentio cianze! Me ciammàvan con ògni sòrta de nommi, e spesse vòtte con quello de carcamana, che no capiva.

³ Nossa tradução para: Sciortia da quella casa, son andæta drîta in stradda Uruguayana da unna meistra da röbe che conosceiva perchè a serviva a portogheise da-a quæ èa vegnûa via. Gh'ò dîto o motivo pe-o quæ ghe l'aveivo ciantâ. E lê: “Inte quella casa lì càngian unna serva ògni chinze giorni. Tutte e serve se ne van pe-o trôppo travaggio. Gh'æi rescistio ciù che no me creddeiva. E òua vorriesci torna impiegâve?”. «E cöse ò da fâ? Ma vorrieiva trovâ unna patronna chi avesse un pò d'umanitæ”. “Sæi travaggiâ inte röbe?”. “Pöcoassæ”. A meistra de röbe a l'é a profescion que eu aprendi na Zena”. “Vegnî doman; veddiò cöse sæi fâ, e ve diò quante pòsso dâve a-o meise. Saa ben che ve çercæ unna stansia, perchè mi pòsto pe dâve da dormî no ghe n'ò”.

Argentina e, a certa altura, ponderando até uma mudança para Nova Iorque. Como consequência, a terra de origem não era profundamente lamentada, pois era reconstruída em muitos aspectos no país anfitrião, graças à fidelidade aos hábitos e costumes originais.

Sempre Toso defende que o carácter urbano da emigração liguriana não impede a preservação da sua especificidade regional, pois os genoveses conseguiram afirmar-se como protagonistas de impulsos inovadores, desde os políticos aos culturais, tornando-se frequentemente empreendedores, possuindo, assim, uma 'modernidade' geralmente ausente noutros grupos regionais de emigrantes.

A uniformidade linguística cria laços de solidariedade: no romance, o uso do genovês torna Ginn-a, ao serviço de um estalajadeiro em Enseada, visível aos olhos de Loensin, e é essa língua nativa comum que serve de base para o vínculo afetivo entre ambos. A ligação entre Loensin e Ginn-a nasce de uma camaradagem fraterna que evolui para um sentimento mais profundo. A língua materna é o elemento de coesão que, num ambiente estrangeiro, fomenta a criação de novas formas de ligação interpessoal, funcionando como meio de reconhecimento entre semelhantes.

A uniformidade de língua e origem substitui, entre os emigrantes, os laços de dependência que ainda são muito fortes na sociedade liguriana do século XIX: Loensin, assim como o estalajadeiro, sente-se responsável, como um pai ou um irmão mais velho, por Ginn-a. Ele coloca frequentemente esse sentido de responsabilidade acima de um sentimento mais profundo, que ele sabe reconhecer e analisar.

A nova pátria distingue-se da original não apenas pelas diferenças ambientais, mas também pelas maiores oportunidades que oferece, sobretudo de trabalho. Tirando o episódio inicial, os protagonistas terão, inclusive, direito a escolher as melhores oportunidades de trabalho.

Igualitarismo e ascensão social

A obra foge à noção estereotipada de subserviência à teoria determinista, característica do Naturalismo: a sociedade americana, pelo olhar europeu, tende a ser igualitária, permitindo que um homem abastado de ascendência portuguesa aspire à mão de uma costureira estrangeira órfã e convide um operário fabril para um passeio de carruagem. Ali, cada um é filho das suas próprias ações, e o sentido de honra, por mais exacerbado que seja, prevalece sobre as convenções sociais. Uma chave de leitura cruza-se com a didática moral apresentada até agora, ajudando a organizar a sucessão dos eventos segundo uma lógica estruturada: *Ginn-a de Sampedænn-a* é o romance das tentativas frustradas de ascensão social. O ambiente americano, com a sua maior mobilidade e as oportunidades para aqueles que demonstram iniciativa, com a sua tendência ao igualitarismo, parece oferecer aos personagens do romance possibilidades consideráveis. Contudo, essas oportunidades evaporam-se regularmente, revelando a moral que era frequentemente dirigida ao público genovês da época: num clima de relativa justiça social, o homem comum não deve aspirar a uma melhoria econômica imediata, mas sim procurar satisfação no trabalho, na família e numa educação mais abrangente. Deve cultivar o orgulho de ser a parte saudável da sociedade, emergindo da pobreza, mas imune aos privilégios das classes mais ricas.

Figuras (exóticas) da ficção

Entre as personagens não genovesas que povoam o romance, destaca-se Gonçalves, o noivo abastado de Ginn-a. Dedicado ao trabalho e à casa, revela-se generoso, mas destituído de grandes paixões – tanto que só se ‘apaixona’ após reunir informações sobre a futura noiva, construindo a relação como se fosse uma autêntica transação comercial. Esta personagem é moldada por estereótipos genoveses e, numa análise mais profunda, a sua trajetória assemelha-se mais à de um emigrante bem-sucedido do que à de um membro da aristocracia luso-brasileira. Esse ‘fidalgo’ luso-brasileiro constitui, na visão imagológica, uma autoimagem genovesa que representa o arquétipo do

empreendedor de sucesso. Gonçalves, um grande cavalheiro e pequeno comerciante, alimenta sonhos filantrópicos de redenção para uma órfã pobre, mas honrada, até que o encanto é quebrado pela descoberta de um boato sobre a própria Ginn-a. No entanto, o seu maior defeito é tentar impor, através da generosidade, uma visão do mundo moldada às suas próprias necessidades e mitos, onde qualquer desvio é inadmissível.

Apesar da sua subtil hipocrisia em relação a Loensin, que utiliza para cortejar Ginn-a, revela um caráter menos cavalheiresco, expondo-se como uma personalidade difícil e inacessível à humilde costureirinha.

O duelo final – o desafio lançado por Loensin para restaurar a honra irrepreensível da sua amiga, manchada pelas acusações de Gonçalves – confirma a dificuldade das classes humildes em alcançar os confortos da alta sociedade. Os ferimentos de Loensin tornam-se um rito de passagem que marca a transição entre amizade e amor por Ginn-a.

Outra figura representativa da cor local – o Rio de Janeiro frequentemente foi visto como um símbolo dos trópicos no imaginário europeu – é uma personagem marginal, quase um mero figurante, mas de grande importância: a 'neira', provavelmente ainda escrava, dada a época em que se desenrola a história. Ela é encarregada de acompanhar Ginn-a até casa depois do trabalho e revela-lhe a história de Dom Gonçalves, o homem que aspira a sua mão.

Toniëta, a senhoria de Loensin no Rio de Janeiro, é uma pessoa honesta e bondosa, que assume o papel de mãe substituta para o jovem. No entanto, não incorpora nada de pitoresco ou estereotipado sobre o Brasil, que, naquela época, começava a destacar-se como um importante exportador de café, especialmente apreciado em Itália.

Conclusões

Levantar a questão de um Poggi atraído pela visão fantástica de terras distantes não é, de modo algum, descabido, pois o exotismo é, acima de tudo, uma categoria de representação e não apenas uma aplicação contextual específica. Giuseppe Poggi estava inserido num imaginário fortemente influenciado pelas vertentes culturais do exotismo de autores europeus, destacando-se em Itália, entre outros, Emilio Salgari, bem como pela literatura de viagens, enriquecida por relatos de jornalistas e escritores. Entre eles, Edmondo De Amicis, que viajou à Argentina em 1884 e, no regresso, passou três dias no Rio de Janeiro, abordará posteriormente o tema da migração para as Américas no romance *Em Alto mar* (2017[1889]) e no conto “Dos Apeninos aos Andes”, do livro *Coração* (n.d[1846]). Este contexto cultural terá, muito provavelmente, influenciado o autor, ainda que de forma indireta. No entanto, para compreendermos verdadeiramente o exotismo na obra deste escritor, é fundamental analisar como ele constrói e representa a alteridade. De facto, apesar de localizações que poderiam estimular a imaginação do leitor, à exceção da descrição do saladero argentino, com a explicação de como os animais eram tratados dentro do matadouro, da cena do trágico acidente com os indígenas e da descrição pitoresca do gaúcho — uma personagem secundária que apresenta Loensin no almacén ou casa de pasto frequentada por imigrantes e gaúchos —, não encontramos ali “pessoas de bem” ou burgueses locais. Excetuando este início de tom exótico, a história é essencialmente europeia, com personagens americanas ou portuguesas que se movem como se fossem parisienses, londrinas ou milanesas, sem, no entanto, abrir mão das descrições dos costumes locais. O Brasil de Poggi, salvo a menção de alguns topônimos, encontra-se desprovido de referências à natureza ou à presença humana. Não há descrições dos pregões ecoando pelas ruas, dos ritmos musicais que já davam fama à “cidade maravilhosa”, nem das modinhas burguesas dos brancos ou dos ritmos que dariam origem ao maxixe e ao samba, então pertencentes às classes subalternizadas. Vale lembrar que, nessa época, Machado de Assis retratava a sociedade carioca em seus contos, mencionando quer músicos de polcas insatisfeitos, quer os perigosos capoeiristas como parte do lado sombrio da

cidade. Na referência à paisagem artística e natural do Rio de Janeiro não se encontram menções às aves canoras, presença tão característica nos arvoredos da Mata Atlântica, ou a outros animais típicos da região, que podiam ser vistos cativos nas feiras ou mesmo em estado bravio. O romance carece, ainda, de referências a espaços monumentais ou históricos locais, como os Arcos da Lapa, o ainda existente Morro do Castelo, o Mosteiro de São Bento, a peculiar silhueta do Pão de Açúcar ou a ilha de Paquetá, ponto de destaque na baía de Guanabara.

Ginn-a de Sampedeinn-a apresenta-se como uma obra concebida para fascinar os leitores genoveses, ao situar a sua trama em países distantes, mas familiares, e narrar as vicissitudes de dois jovens na América do Sul, revelando personagens genovesas impermeáveis ao contacto com as culturas locais. A emigração surge apenas como uma viagem com regresso, ao contrário do que frequentemente ocorria na realidade, fazendo com que o enredo se desenrole quase como se a história acontecesse na mesma cidade. Os destinos mencionados faziam parte da agenda econômica e social dos genoveses, pois o porto de Gênova era o ponto de partida de centenas de milhares de emigrantes de toda a bacia mediterrânica, tornando fácil que o cenário do romance captasse o interesse dos leitores, que possivelmente tinham familiares emigrados nos países descritos.

Em resumo, *Ginn-a de Sampedeinn-a* é um romance popular destinado ao público genovês e, por isso, abdica de qualquer pretensão de representar aspectos culturais ou etnográficos dos países onde a ação se desenrola, o que provavelmente evitaria distrair o leitor do seguimento das peripécias de Ginn-a e Loensin.

Referências

ASSIS, J.M. *Um homem célebre* - antologia de contos. 3ª ed. Lisboa: Cotovia, 2013.

DE AMICIS, E. *Em alto mar: Uma travessia de emigrantes italianos*. São Paulo: Nova Alexandria, 2017.

DE AMICIS, E. Dos Apeninos aos Andes. In: *Coração*. Trad. de V. de Magalhães. Lisboa: Empresa Literária Universal, n.d., p. 204-221. Disponível em:

<https://archive.org/details/coraotraddev00deam/page/220/mode/2up>.

Acesso em 13 dez. 2024.

MOLL, N. *L'infinito sotto casa - Letteratura e transculturalità nell'Italia contemporanea*. Bologna: Patron, 2015.

POGGI, G. (atr.). *Ginn-a de Sampedeinn-a*. Recco: Microart's, 1992.

ROMANI, G. Edmondo De Amicis na América do Sul: pátria e identidade italiana fora dos limites nacionais, *Estudos Ibero-Americanos*. (v. 31-2012). Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2012.s.12452>. Acesso em 20 out.2024.

TOSO, F. “Introduzione” in POGGI, G. (atr.) *Ginn-a de Sampedeinn-a*. Recco: Microart's, 1992. p. 7-23.

TOSO, F. “Ginna De Sampedæna: una protagonista dell'emigrazione ligure in Sudamerica”. *Oltreoceano — Rivista Sulle Migrazioni*, (2-2008), p. 159-172. Disponível em:

<https://riviste.lineaedizioni.it/index.php/oltreoceano/article/view/362>.

Acesso em set. 2023.

TRIGO, L. *O viajante imóvel — Machado de Assis e o Rio de Janeiro do seu tempo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.